

REPRESENTAÇÕES ECOLÓGICAS EM NARRATIVAS ORAIS: A VOZ PANTANEIRA

Marcelo Rodrigues JARDIM - PG-UEL

Ecologia é um vocábulo freqüente nos discursos perpetrados pelos meios de comunicação, principalmente a televisão. Em geral, fala-se da necessidade de proteção do meio ambiente, em que cada ser humano tem o seu quinhão de responsabilidade. Entretanto, no que concerne à proteção de “paraísos naturais”, como o Pantanal e a Amazônia, por exemplo, existiria, segundo Antonio Carlos Diegues¹, diferenças entre o sentido de conservação da natureza concebida pelas sociedades tradicionais em relação ao das sociedades modernas, ou urbanas. Considerando essa conjuntura, procuramos mostrar neste trabalho como pode ser a relação e a visão de Natureza do homem que vive, ou viveu, em contato direto com ela. Para tanto, utilizaremos narrativas orais do Pantanal sul-mato-grossense, pois estão intimamente ligadas à vida social dessa comunidade tradicional, possibilitando, dessa forma, uma “visão de dentro”. Em conjunto, almejamos refletir também, mesmo rapidamente, a respeito da importância dessa manifestação artística para a comunidade transmissora.

Os vários contextos de produção presentes no momento em que narrativas orais são atualizadas podem ser fundamentais para se compreender como elas estão relacionadas às condições sociais, religiosas, econômicas, entre outras, da comunidade transmissora. Antonio Candido², por exemplo, entende haver uma ligação direta entre a manifestação artística gerada e a vida social dos grupos geradores, principalmente em relação aos seus fatores básicos. Desse modo, não poderia haver um desligamento entre poesia oral³ e o seu contexto de produção, tanto de quem interpreta, do próprio ato de interpretar e, principalmente, das relações de convivência para as quais foram elaboradas e são executadas.

Experiência é o elemento central para a construção de uma narrativa, segundo Walter Benjamin⁴, tanto a própria experiência de vida do narrador, como a adquirida nos

diálogos com outras pessoas, que, por sua vez, também incorporam o narrado. Esse autor percebe haver uma dimensão utilitária nas narrativas, quando estas transmitem um ensinamento moral, uma norma de vida ou uma sugestão prática.

Creemos ser na performance que o narrador traz à tona seus desejos individuais e coletivos, sua identidade marcada na fala, nos gestos, nas onomatopéias, nas entonações de voz, entre outros. O narrar, como lembra Frederico Fernandes⁵, não é função de uma pessoa, pois autor e platéia interagem na construção, dando sempre um novo sentido ao narrado. Assim, o diálogo é um fator determinante nessa espécie de relação social-poética na qual os envolvidos reforçam os vínculos identitários. O narrador procura, direta ou indiretamente, mostrar conhecimentos sobre a sua cultura, bem como o que ela, e ele, prezam por certo ou errado. Do outro lado, o receptor nota, julga e opina sobre o assunto em andamento, o que se desdobra numa das formas de atualização na poesia oral. É na atualização de algumas narrativas orais que podemos perceber uma preocupação, subentendida ou não, no caso da comunidade narrativa pantaneira, com o seu ambiente vital, como veremos a seguir.

Um mito muito recorrente no Pantanal é o do minhocão. Os pantaneiros contam que esse ser vive nos rios e tem por principal característica o ato de desbarrancar margens fluviais, inclusive, quando molestado, leva à destruição as casas dos ribeirinhos. Numa narrativa⁶ de Dirce Padilha, percebe-se a interferência negativa do homem no espaço desse mito no seguinte trecho: “Caco de garrafa, se você quebrar uma garrafa e jogar dentro da água, ela amanhece pra fora da água. Lá, onde existe esse bicho, ele põe pra fora”. A narradora entende ser obra do minhocão, na tentativa de explicar os acontecimentos, a presença de dejetos nas margens dos rios. Padilha acredita que “ele num quer essa coisa dentro da casa dele, entendeu? Ele bota lá na barranqueira, na beira do rio. Pra você ver que não é pra jogar na água entendeu? Onde ele mora”. Para a comunidade narrativa pantaneira tudo tem seu dono – “Senhor sabe que tudo tem o seu dono. Tudo tem o seu dono! O mato tem os seu vigia, a terra tem o seu dono. Então, tudo tem o seu dono, as rua têm dono, tudo tem dono!” (João Torres), “Chama o chefe dos bicho, o chefe dos bicho, né?

Como é o nome. Porque tudo tem seus dono, né?” (Roberto Rondon). O dono cuida fervorosamente de sua morada. No caso dos trechos da narrativa de Dirce Padilha destacados, o minhocão, ao devolver as coisas jogadas, as quais não fazem parte de sua “casa”, mostra haver um desrespeito por parte do homem ao ambiente natural.

Outro mito também muito referido pelos pantaneiros é o mãozão. A comunidade local conta que esse mito é uma espécie de ente responsável por “extraviar” homens, além de surrar os seus desafiantes. Tanto aqueles que não crêem na existência dele, quanto os que tiram ou depredam as coisas da mata, são atacados e subjugados. O senhor Roberto Rondon narra uma história do mãozão muito contundente no que se refere à necessidade de se respeitar o espaço alheio e à relação Natureza/homem. A narrativa gira em torno da peleja entre um personagem comum da região, referido como valentão: o “paraguaio”.

Resumindo a história: o paraguaio entra na mata para caçar porcos. Em dado momento vê um e resolve matá-lo à foçadas. De repente, o cão que o acompanhava começa a tremer de medo. O paraguaio desafia, então, quem está assustando o cachorro. Surge o mãozão e diz para o homem que é necessário pedir licença para entrar na mata, porque ela tem dono. Na voz dada ao mito por Roberto Rondon aparece o seguinte trecho: “Faz tempo que você anda cortando pau aqui, cortando árvore aí, desperdiçando madeira, você não sabe que tudo isso é vivo? Essas madeira, né?”. Nota-se que não era a primeira vez que o paraguaio andava desrespeitando o meio ambiente, além de caçar com requintes de crueldade, tirava mais madeira da mata do que realmente necessitava. O narrador continua: “Tudo isso é vivo, as árvore que tem aqui, você corta um pé-de-pau aí, ela chora! Você corta tal coisa aí, ela senti! São todos vivo igual você na Terra”. Chama muito a atenção no trecho dessa narrativa o fato de não haver a dissociação de direitos à vida entre homem e meio ambiente. A Natureza não estaria à disposição do homem para seu usufruto desenfreado, devendo haver respeito humano por aquilo que não é dele. O interessante é que basta um pedido de permissão, e responsabilidade, para utilizar os recursos naturais. Roberto Rondon conta haver conversado com um bugre velho e este sempre o aconselhava

a pedir licença ao entrar no mato para tirar pé-de-árvore. Fica nítida a troca de experiências entre pessoas dependentes de seu meio vital.

Nas conversas entre narradores é comum um dos participantes trazer fatos do passado para compará-los aos do presente, na maioria das vezes com tom nostálgico. Ao falar das periculosidades dos tempos de outrora, principalmente a respeito de animais bravos, o mesmo Roberto Rondon nos dá uma pista de como pode ocorrer essa comparação: “E naquela época que acontecia, tinha uma pessoa que gostava de caçar, sabe? Gostava de caçar assim, matar porco, queixada, aquela caça de desperdiçar, matar touro, jogar fora, sabe?”. Novamente o narrador refere-se ao desperdício de forma pungente, que fica mais caracterizada quando ele traz essa memória do passado para o presente: “Por exemplo, se uma pessoa desse antigo, que morou num lugar desse de fartura, pelo que ele fazia, pra pensar hoje, deve sentir, sentar e chorar, né? Porque aquela vez ele matava, desperdiçava, jogava”.

Essa transmissão de saber aponta para uma degradação paulatina do meio ambiente, que só pode ser parada caso o homem respeite a fauna e a flora. Rondon infere que tudo na mata é vivo – como vimos no mito do mãozão. Quando faz isto, está partilhando de valores de sua comunidade e os representando ao comungar com a tradição oral.

Em entrevista feita com o senhor Olímpio Almeida, percebemos haver uma preocupação cotidiana com as mudanças ocorridas no Pantanal. Segue parcela do relato: “Tem que ser controlado, controlar. Ver o que deuteumina que vai teuminá com aquele preparo que já vem desde antes. Tem que ser controlado pra não acabar (...) Antes, subia cardume de peixe que o senhor não podia andar no rio com canoa”. Olímpio nesse trecho relatava sobre as formas de pesca que devastam os rios. O pescador nota as mudanças ocorridas em seu espaço de trabalho, comparando a fartura existente no passado com as dificuldades do presente. As indagações deste homem não se restringem somente às dificuldades hodiernas, ele inquieta-se com o futuro do Pantanal e com a possibilidade de seus filhos não verem a beleza de seu mundo: “Que eu principalmente quero ver também meus filhinhos, que tá pequeno, ver a beleza que temos no Pantanal. Eu acho que todo

mundo sabe isso (incompreensível). Peço a Deus que isso não teumina”. As relações com o meio ambiente são estreitas. Relações que se desdobram em identidade, pois o pantaneiro possui afinidade com o seu espaço de tal modo que modificar esse meio equivale a destruir uma parcela daquilo que o identifica.

A comunidade narrativa pantaneira aconselha, direta e indiretamente, a todos terem cuidado com o Pantanal, para que este exista no futuro, porque no presente eles percebem apenas uma sombra da grandiosidade do passado. É incisivo o fato da comunidade local não ser contra mudanças, desde que elas não modifiquem a sua tradição e o seu ambiente, o seu *modus vivendi*. O senhor Silvério fala sobre essa relação mudança *versus* tradição ao comentar sobre a presença de pesquisas da EMBRAPA, que introduziu novas técnicas na região: “Pesquisando fora do Pantanal, deixando o Pantanal sempre no que era, né? Não quer mudar ele sob pesquisa, né? Pesquisa ele mas dentro do padrão Pantanal, né? Deixando sempre as tradição pantanera como é, né? Sempre sigui, né?”. Para esse narrador, Pantanal e pantaneiro estão intimamente amalgamados: “Tem muita gente que, pesquisador mesmo que acha qui tem muda, né? Tira a mente do pantanero. Se ocê muda a mente do pantanero, quer dize ocê ta mudando o Pantanal, ocê num acha?”. O historiador Eudes Leite⁷ percebe sensações paradoxais presentes nesse relato, pois como respeitar o tradicional ao mesmo tempo em que as pesquisas propõem alterações. Manter a tradição e aceitar as mudanças decorrentes dos novos tempos criam tensões no pensamento do homem pantaneiro. Essa mesma tensão está presente quando ocorre a representação da necessidade de proteger o meio ambiente, uma vez que, como foi falado acima, a comunidade narrativa pantaneira identifica-se com o seu espaço.

Em geral, as pessoas dos grandes centros citadinos têm uma visão ecológica distanciada - o que poderíamos chamar de visão de fora. Assim, pensam ser o Pantanal apenas uma reserva da biosfera, um dos últimos refúgios paradisíacos. Entretanto, os pantaneiros têm uma visão aproximada de seu meio – ou visão de dentro – pois dependem dele para as suas diversas culturas. De um modo muito parecido, é o que escrevem Arturo Gómez-Pompa e Andrea Kaus⁸ ao argumentarem sobre as relações mantidas entre

determinados agricultores com o meio ambiente. A natureza torna-se complexa e não algo, um objeto. Os componentes vivos são personificados e divinizados como mitos. Estes, por sua vez, tem origem na experiência de gerações. Inclusive, para os pesquisadores, o modo como os agricultores compreendem as relações ecológicas possivelmente esteja mais próximo da realidade do que a erudição científica. Concluem que a conservação faz parte do estilo de vida e de como eles percebem os vínculos humanos com o mundo da natureza.

O desrespeito ao meio ambiente pode gerar uma destruição, uma mudança. Mudança no hábito pantaneiro acostumado a um estilo de vida. Na opinião do senhor Sebastião Coelho da Silva: “A natureza manda muito na vida do homem, num pode mudar a natureza, muda tudo! Tudo traz dificuldade. Numa época que nós tamo, tudo fica difícil porque mudou a natureza”. Esse homem percebe-se inserido num ambiente em que qualquer descuido pode gerar um mal maior, assim, o bem estar depende de uma conservação. Continua o narrador: “Eu creio assim, que quanto mais ele vivia numa vida mais natureza, mais no natural, na simplicidade, na natureza, era mais amparado por Deus. Então, tudo as coisa tinha prosperidade, né?”. A voz do senhor Sebastião permeia uma voz coletiva: a vida em consonância com a natureza reafirma a ligação com Deus e prospera.

Assim, na atualização de uma narrativa, bem como na interpolação dos envolvidos no processo dialógico, as preocupações com os desmandos contra a natureza podem se revelar. Em nossa opinião, isto pode servir como uma forma de aconselhamento àqueles não cumpridores das regras estabelecidas pela comunidade narrativa. Desse modo, o processo de interação entre narrador e platéia, em que há a construção de sentido por meio do que é narrado com a identificação cultural, torna-se mantenedor e fortalecedor de preceitos da comunidade narrativa pantaneira. Todavia, cabe ressaltar, os relatos fazem parte de um conjunto de narrativas ligadas à tradição oral. Como tal, não estão encerradas.

NOTAS

¹ Antonio Carlos Diegues. *O mito moderno da natureza intocada*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

² Consultar principalmente o capítulo “Estímulos da criação literária”. Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

³ Alguns autores utilizam o termo “literatura oral”. Aqui haverá a preferência por “poesia oral”, na qual as narrativas orais se inserem.

⁴ Walter Benjamin. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

⁵ Frederico A. G. Fernandes. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

⁶ As narrativas mencionadas neste trabalho foram colhidas por pesquisadores ligados ao projeto “História e Memória: contribuições para um estudo da cultura na região do Pantanal sul-mato-grossense” da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

⁷ Eudes Fernando Leite. *Marchas na história: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003.

⁸ Arturo Gómez-Pompa e Andrea Kaus. Domesticando o mito da natureza selvagem. In: Antonio Carlos Diegues (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2000.